

O que há de tão sólido, de tão concreto neste documento pontifício? Primeiramente, no centro está Cristo como o "homem do trabalho" (n. 26) na sua divina humanidade, habitada pelo Espírito Santo e revelando que o Pai incessantemente trabalha (Jo 5,17). É nisto que encontramos a fonte da espiritualidade do trabalho. Informado por ela, o trabalhador poderá cooperar na construção de uma sociedade mais humana, contribuindo para a civilização do amor.

Mas por que uma retomada da "Laborem Exercens"? — No horizonte conturbado das relações humanas, a Encíclica oferece orientações e luzes que podem iluminar o caminho do operariado

## O Trabalho é 'para o homem' e não o homem 'para o trabalho'

para hoje e para o futuro também. Uma voz que tem autoridade para recolocar o homem como sujeito do trabalho, e não escravizado por ele: "embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada, o trabalho é 'para o homem' e não o homem 'para o trabalho'." (n. 6)

É o caso das competições que o incentivo à produção desencadeia no ambiente de trabalho: pois ali a nossa fé cristã faz apelo à solidariedade, à lealdade. Nas dimensões conflitivas, o trabalhador é visto na sua dignidade, qualquer que seja a sua tarefa, a mais humilde como a mais nobre.

O coração da Encíclica está na reivindicação do trabalhador como pessoa toda inteira num labor personalizado antes do que um mero executor de tarefas, um número, no anonimato de uma fábrica. Isto acontece infelizmente nas grandes fábricas, nas empresas gerenciadas pelo Estado ou pelos grupos econômicos. Capital e estruturas empresariais não devem esmagar a criatividade do sujeito. Este, embora não possa mais ser o artesão do passado, contudo deveria poder tornar-se cada vez mais um profissional.

Numa visão tanto otimista como realista, emerge a necessidade de transformar o trabalho em algo de personalizante, que vá além dum esforço meramente produtivo. Isto tudo significa uma progressiva integração daquele rico diálogo ético que possa incluir a acolhida do companheiro, o perdão, a consciência do serviço, a fidelidade à palavra solidária, a coragem e a abnegação na fadiga em suportar o frio e o calor do dia, isto é, a cruz de cada um. Apresenta-se, assim, o trabalho, como uma longa aprendizagem na seqüela de Jesus e na prática do seu Evangelho.

## PADRES NO MUNDO DO TRABALHO A Missão Operária São Pedro e São Paulo (Mopp)

A Igreja Católica sempre conheceu, ao lado das grandes instituições necessárias à sua sobrevivência, um fervilhar de experiências renovadoras, suscitadas pelo Espírito de Santidade.

Assim nasceu a missão que adotou a sigla MOPP para se identificar ao lado de tantas outras iniciativas missionárias que marcaram a história da Igreja na França nas décadas preparatórias ao Concílio. Basta lembrar alguns nomes mais conhecidos: Mission de France, Mission de Paris, os famosos "Padres Operários", os Irmãozinhos de De Foucauld, a organização da "mission ouvrière" com os movimentos de ação católica como ACO, JOC, etc. A MOPP, porém, encontrou sua própria identidade no confluente de várias correntes que marcaram definitivamente a cami-

## O Homem e a mulher participam mediante seu trabalho na obra do Criador

Na quinta e última parte da Encíclica, o Papa usa uma expressão inédita — o "Evangelho do Trabalho" — querendo significar que, desde o Gênesis 1, 27-28, onde se lê que o homem e a mulher, criados à imagem de Deus, participam mediante seu trabalho na obra do Criador, até o Apocalipse 21,1, onde tem início "o novo céu e a nova terra", vislumbra-se o "novo bem", fruto do trabalho humano, no mundo novo onde, enfim, "habitará a justiça" (2Pd 3,13).

Em outras palavras, isto significa a nossa Ressurreição, que passa pela Cruz da multiforme e penosa fadiga do labor humano.

É, pois, na pessoa do Cristo que o crente reconhece o "Evangelho do Trabalho". Os nazarenos ficaram admirados e exclamaram: "Donde lhe vem tudo isto? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? Porventura não é ele o carpinteiro?" (Cf. Mc 6,2-3) De fato, na obra da evangelização, aquele que a proclamava era, ele próprio, o "homem do trabalho" (n. 26).

Disso tudo se deduz quanto seja importante retomar os ensinamentos e sugestões da Encíclica pautada, especialmente nesta última parte, na Palavra de Deus, para se cultivar e se adquirir uma verdadeira espiritualidade do trabalho.

A nossa pastoral, em particular a Pastoral Operária, tem uma missão de grande alcance: é o dever especialíssimo de promover esta mística susceptível de ajudar tantos homens e mulheres a se aproximarem de Deus através do trabalho: de Deus, Criador e Redentor, participando dos seus desígnios... e aprofundando na própria vida a amizade com Cristo (n. 24).

No trabalho e no repouso, na tristeza e na alegria, o protagonista da obra da criação é o Cristo Senhor. Unidos a ele, também nós nos tornaremos cooperadores e artífices do novo céu e da nova terra.

### Fonte bibliográfica

"LABOREM EXERCENS", Comentário de J. Hoffner, C.M. Martini, D. Tettamanzi etc., Roma, Libreria Editrice Vaticana, 1981.

Endereço do autor:  
Caixa Postal 5041 — ITESC  
88041 — FLORIANÓPOLIS — SC

nhada de seu fundador Jacques LOEW, advogado convertido do ateísmo, que depois tornou-se dominicano.

O jovem dominicano formado no Saulchoir, ainda maravilhado pela descoberta da síntese e da visão do mundo próprias ao tomismo, como também do seu espírito de audácia para enfrentar novos problemas, teve que colaborar por vários anos com o Pe. LEBRET, fundador por sua vez do movimento "Economia e Humanismo". A convivência com o Pe. LEBRET, e o trabalho de pesquisa realizado no meio dos estivadores do porto de Marselha, convenceram-no da necessidade absoluta de encontrar propostas e soluções novas aos problemas da sociedade. A freqüentação de personalidades excepcionais como Gustave THIBON,

Pe. Michel Cuénot MOPP  
Professor de Exegese

## O conceito de "solidariedade ou comunidade de destino"

o filósofo-camponês, ou Simone WEIL, filósofa e mística operária na linha de montagem da grande empresa Renault, ajudou-o a precisar o conceito de "solidariedade ou comunidade de destino", que se tornaria uma das opções básicas da MOPP.

### 1. Comunidade de destino

O primeiro manifesto de "Economia e Humanismo" afirma: "Cada um considera como seu primeiro mestre o 'fato', cada um se preocupa com a vida humana das massas. Não queremos o caos declarado do liberalismo e menos ainda o caos mascarado do estadismo. Contra o mito capitalista do lucro, e o mito socialista da igualdade, que traem igualmente a natureza humana nas suas exigências próprias, tanto biológicas como espirituais, queremos uma economia cuja medida são as necessidades concretas do homem vivo, corpo, alma e espírito". Torna-se, então, necessário viver a "comunidade de destino", que existe somente lá onde os homens partilham a mesma experiência, são submetidos aos mesmos riscos, perseguem os mesmos objetivos. Em poucas palavras, trata-se de ser feliz ou infeliz juntos, sem exclusão de ninguém.

Esta vontade de refletir a partir dos fatos mais simples da vida levou J. LOEW a tomar a sério dois aspectos complementares da inserção nas massas exploradas: o ESTAR COM e o SER COMO.

Num artigo, Dom Luciano Mendes de ALMEIDA expressa seu pensamento a respeito do "fazer-se próximo". Há um segundo nível do fazer-se próximo que é "consentir", isto é, "sentir com" as pessoas, uma presença que nos leva a participar da experiência daqueles que vivem aquela situação, assumindo até os hábitos semelhantes aos deles. Há, pois, uma simpatia existencial. "Aí está o dinamismo da inserção plena que faz o missionário por amor assumir a condição daqueles a quem ama".

## A mística da opção preferencial pelos pobres deve recuperar esta dimensão de plena solidariedade

Quem assume esse dinamismo de inserção está vivendo a grande força salvífica que é a de mostrar o amor. Aqui não entram critérios de eficácia diretamente constatável. É um mistério de fé que reflete e refaz a encarnação libertadora do Cristo... É a Igreja que entra na carne, que assume a situação mais dolorosa da humanidade. "A mística da opção preferencial pelos pobres deve recuperar esta dimensão de plena solidariedade."

Esta convicção básica marcou desde o início e até hoje a caminhada da MOPP. Tanto na Europa como no Brasil, Japão e Canadá, muitos dos nossos irmãos sofreram na própria carne a exploração injusta, perderam seu emprego, sua saúde, um foi preso e expulso durante a ditadura militar, outro enfim foi atropelado por um caminhão ao sair do serviço e morreu, como e com tantos operários... Todos, porém, unidos na mesma convicção, a de partilhar o dia-a-dia do homem explorado, ficar ligado especialmente aos pobres que a vida não poupou, numa autêntica comunidade de destino.

### 2. Os tempos da missão

Vivendo esta dura realidade por amor, sem eficácia diretamente constatável, os irmãos da missão redescobriam a verdade do tempo e dos tempos da missão (Cf. "Como se visse o Invisível",

de J. LOEW, Ed. Paulinas, p. 160). É preciso respeitar as etapas nunca fechadas sobre si, mas complementares: o tempo da amizade, o tempo da Palavra, o tempo do sacramento.

### 3. A amizade

O tempo da amizade é Nazaré: a vida partilhada, o trabalho como e com todos: "Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?" (Mc 6,3)

O Padre De Foucauld, "o irmão universal", e os irmãozinhos de Jesus, são nossos guias admiráveis para este tempo da amizade que é o da vida oculta, do fermento escondido, o tempo do silêncio que não espera nada, o tempo "do inútil, do segredo com o Pai": "e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará" (Mt 6,4).

Eis por Cláudio, um irmão nosso, a descrição "ao vivo" deste tempo da amizade: "Morar há cinco anos numa favela do bairro com o pessoal é o maior tesouro: empresta-se um bujão de gás, um caneco de café, a enxada ou a colher de pedreiro, ou mesmo se recolhe a caçula da vizinha quando o filho mais velho apronta um "quebra-quebra" ao ficar bêbedo. Saímos de manhã para o trabalho após as Laudes. De noite sempre tem reuniões e visitas. No trabalho há que enfrentar os chefes, a poluição, o barulho, o cansaço, os fins de mês apertados, o sindicato pelego, com promessas de aumento que nunca chegam, porque a inflação come os reajustes..."

### 4. A Palavra

Mas Jesus deixa a sua aldeia: "Completo-se o tempo e o Reino de Deus está perto" (Mc 1,15). É a vida pública: o tempo da Palavra começa...

A multiplicação das seitas num país católico como o Brasil não seria uma bofetada na face da velha cristandade para desafiar os consumidores de sacramentos, apenas levados pelo formalismo de uma religião devocional sem conteúdo nem compromisso? A palavra de Paulo ressoa como trombeta: "Proclama a Palavra, insiste, no tempo oportuno e no inoportuno: refuta, ameaça; exorta com toda a paciência e doutrina" (2Tm 4,2). "Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Aí de mim, se eu não anunciar o Evangelho!" (1Cor 9,16)

A MOPP, onde quer que esteja, assume este compromisso como uma prioridade absoluta, sob a forma do diálogo aberto com todos os companheiros e amigos, ou de modo mais organizado, criando escolinhas da fé como já fizemos em Salvador, Osasco... A palavra de Deus, diz TRESMONTANT no seu livro "O Problema da Revelação" (Ed. Paulinas), é o "código genético" do povo de Deus, que dá origem a uma nova criação. É preciso, porém, conhecer esta Palavra e deixar-se transformar por ela.

## Vem, enfim, preparado pelo anúncio da Palavra, o tempo do Sacramento

### 5. O Sacramento

Vem, enfim, preparado pelo anúncio da Palavra, o tempo do Sacramento. É o tempo da Ceia, da Cruz, da morte e da ressurreição, dadas e partilhadas...

O tempo da amizade durou trinta anos, o tempo da Palavra e da vida pública, três anos; o tempo do Sacramento processou-se num dia. Trinta anos, três anos, vinte horas, esta misteriosa revisão da existência do Verbo feito carne exige mais a nossa contemplação que as nossas explicações: deve tornar-se a alma de nosso esforço.

É muito longo o caminho entre o quilômetro zero — a ausência de Deus, que pode ser teórica ou prática — e a entrada na vida sacramental. É preciso respeitar os dois primeiros tempos, o da amizade e o da Palavra, se quisermos que o Sacramento

seja verdadeiramente o grão lançado em terra boa, que produza fruto abundante.

Que desafio imenso nas terras de tradição católica como o Brasil! Que pode fazer o Padre recentemente ordenado e responsável por vinte ou trinta ou cinquenta mil habitantes? Que tempo ele pode dar para criar amizade com as multidões que encham as igrejas e capelas reclamando bênçãos em grande série?

A MOPP não se sente chamada a tapar os buracos deste tipo de assistência sacramental. Seu esforço se radicaliza para o anúncio da Palavra a partir da convivência e da comunidade de destino. Nosso primeiro ministério, comum a todos, leigos, diáconos permanentes, padres, liga-se ao ministério apostólico, tal como o apresenta São Paulo: "Ele (Cristo) é que concedeu a uns ser apóstolos; a outros, profetas; a outros, *evangelistas*; a outros, pastores e mestres, para aperfeiçoar os santos em vista do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo" (Ef 4,11-13).

Nossa preocupação constante no meio do povo foi assim explicitada por Jacques LOEW: "Compreendi eu suficientemente o pensamento, partilhei longamente o trabalho e o pão daquele a quem amo com o amor do Senhor, para poder agora, não só por ofício, partilhar com ele a Palavra? Vivi em seguida bastante com ele, partilhei suficientemente a Palavra para que agora, em conjunto, comamos o Pão da vida eterna, a própria Carne do Senhor?"

#### 6. São Paulo, o modelo

Estas grandes intuições que tentamos viver, tanto aqui no Brasil como no Japão, na velha Europa ou no Canadá, podem surpreender por sua radicalidade ou suas exigências desafiadoras. Encontramos nossas motivações nas origens da vida apostólica, no próprio jeito de viver de São Paulo.

Foi ele que nos transmitiu sua paixão pela Palavra e o apelo a anunciar o Evangelho prioritariamente aos pagãos, "ao povo numeroso que pertence a Cristo e está nesta cidade" (At 18,10). É ele também que nos transmitiu sua própria concepção do trabalho manual, que fizemos nossa, e do mesmo modo nossa maneira de encarar a pobreza.

---

## Os missionários trabalhem com as próprias mãos a fim de dar gratuitamente o Evangelho

---

Três pontos são especialmente sublinhados como "formando a estrutura do pensamento de São Paulo a este respeito": 1) É normal que aqueles que recebem dos missionários os bens espirituais, os assistam com os bens temporais (Cf. Rm 15, 27). 2) Mas é igualmente normal, e é esta a conduta de São Paulo, que os missionários trabalhem com as próprias mãos a fim de dar gratuitamente o Evangelho que eles mesmos gratuitamente receberam, e também para que nenhuma suspeita de interesse material possa comprometer a pregação da boa nova aos olhos incrédulos (Cf. At 20,33-34). 3) Agindo assim, o missionário se torna também um exemplo, reabilitando o trabalho manual aos olhos de todos.

Podemos dizer assim, em toda verdade, que São Paulo é o nosso modelo permanente, o nosso padrão: "Sede meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1Cor 11,1).

#### 7. A vida apostólica

Este ideal, vivido por São Paulo, é a referência constante que estimula os nossos esforços. Encontramos muitas dificuldades e fracassos, pois a missão é uma aventura sempre arriscada. Estamos, porém, sempre mais convencidos da necessidade de viver a vida apostólica à altura da definição dada por Santo Tomás: "*Contemplata Álius trãdere*" (transmitir aos outros o fruto da contemplação).

Num mundo que perdeu o gosto de Deus ou as exigências do seu amor para com todos, para trazer um sentido, o desejo e o gosto de Deus aos nossos irmãos, precisa-se de homens que vivam completamente inseridos nas massas populares e sejam como que visivelmente apaixonados por Deus. E esta contemplação é uma experiência da presença do Cristo Ressuscitado no meio dos cristãos, reunidos em seu nome: "Eles se mostravam assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão, e às orações... E cada dia, o Senhor acrescentava ao número deles os que haviam de ser salvos" (At 2,42...47)

Para nós, na MOPP, viver em equipe é muito mais do que planejar juntos o trabalho pastoral, ou partilhar a vida material. A equipe se reúne em nome do Cristo, isto é, por causa dele e da busca constante da sua vontade, colocando tudo em comum, nossas dificuldades, nossos fracassos, nossas esperanças e nossa fé, avaliando tudo à luz do Evangelho.

---

## Uma vida contemplativa no meio dos homens, para lhes descobrir o Evangelho

---

Eis o testemunho de um jovem que acaba de fazer seus primeiros engajamentos: "A vida em pequena comunidade é um dos grandes desafios; ela supõe verdade, sinceridade, serviço e muita aceitação de si mesmo e do outro". Jacques LOEW define assim o carisma da MOPP: "uma vida contemplativa no meio dos homens, para lhes descobrir o Evangelho".

#### Testemunho de Gaspard, tipógrafo em Joinville

Quando se entra num novo emprego, a primeira sensação é de uma certa alegria por ter encontrado um lugar para servir na sociedade, mas também uma sensação de prisão e de dominação.

Quem entra com uma consciência operária e senso crítico, percebe logo o drama da exploração do homem pelo homem, interesses contra interesses, egoísmos contra egoísmos.

O missionário, por sua vez, vive o conflito de duas solidariedades, sua solidariedade com a palavra de Deus e sua solidariedade com o mundo operário. Pode falar-se também de uma adaptação conflituosa ao mundo concreto, marcado pela exploração, e o mundo querido por Deus, um mundo de justiça e de fraternidade, respeitando a todos.

Para poder agüentar nessa inserção, ele tem que aceitar condições humilhantes e injustas. O trabalho manual nos ajuda a manter um certo equilíbrio e nos ocupa a mente, aí encontramos um início de realização pessoal. O trabalho subalterno, porém, submisso e escravo, tira todo esse sentimento de realização e leva à revolta. Queremos mudanças, aumento do salário, tratamento mais humano e digno, condições melhores de trabalho.

A tristeza, para o missionário, é ver que os companheiros lutam só pelo próprio interesse e pensam ter o direito de ganhar dez vezes mais numa outra profissão bem paga, do que o companheiro numa profissão penosa, por exemplo, a de pedreiro, menos remunerada. Ainda mais, eles sonham sair um dia dessa escravidão e trabalhar por conta própria, recuperando aquilo que os patrões nos tiram para acrescentar seu lucro. Aí começa uma nova injustiça: a exploração dos outros companheiros subalternos.

Enquanto a luta operária visar somente os bens materiais, não resolverá nada, mas irá aumentando a ganância e o egoísmo de cada um.

Por isso, para o cristão, a solução se encontra no Cristo, colocando-o em primeiro lugar para combater o egoísmo, causa de injustiça em toda parte. Cristo alarga nosso amor além do interesse da classe, pelos mais pobres e fracos que vêm em primeiro lugar. Nele e por ele vamos a um combate mais profundo,

contra as raízes escondidas do mal, para afinal também chegarmos a uma vitória completa e definitiva.

Se Deus criou o mundo para todos, por que então uns têm tudo, e outros nada? Não será por causa do egoísmo de cada um? Acho que a luta perseverante contra esse egoísmo, pelo amor do Cristo, trará solução mais durável. Não seria esse um

aspecto dessa mística da qual falam muitos inseridos no mundo do trabalho?

Endereço do autor:  
Rua Uruguaiana, 963  
89200 — JOINVILLE, SC

## MONSENHOR FRANCISCO XAVIER TOPP O Institucionalizador da Igreja Catarinense

Pe. José Artulino Besen  
Professor de História da Igreja

Em janeiro deste ano transcorreu sem festas o centenário da chegada do Pe. Topp a Desterro. Um padre a mais, um padre a menos, de fato não requer celebrações de chegada. Mas, em se tratando da figura ímpar do Pe. Francisco Topp, a Igreja catarinense deve-lhe o cultivo da memória, pois foi, como está na epígrafe deste artigo, o institucionalizador da Igreja em terras catarinenses.

A Igreja já existia aqui desde 1538, quando dois franciscanos espanhóis, de passagem para o Rio da Prata, se detiveram na Ilha de Santa Catarina para catequizarem os índios carijós, aqui

---

### Foi em Santa Catarina que se iniciou a evangelização do Brasil

---

permanecendo por 3 anos. Na Ilha e em Laguna. Não fosse a cupidez vicentista por índios para suas fazendas, o Evangelho teria brotado vicejante nestas terras. É bom lembrar que foi em Santa Catarina, com Frei Bernardo Armenta e Frei Alonso Lebron, que se iniciou a evangelização do Brasil. Depois chegaram os Jesuítas ao Nordeste.

Mas não houve uma pastoral organizada nos moldes como a entendemos hoje. Esta será mérito de Pe. Topp.

Filho de Bernhard Joseph Topp e Johanna Rosina Menge, Francisco Xavier Topp nasceu em Warendorf, Alemanha, a 19 de setembro de 1854. Quatro dias após é levado à pia batismal da igreja paroquial de Warendorf.

Cedo sentiu o chamado de Deus para o ministério sacerdotal. Ao concluir os estudos secundários dirigiu-se a Eichstätt, onde cursou Filosofia e Teologia.

A 26 de maio de 1876, na Igreja dos Santos Anjos de Eichstätt, recebe a Tonsura e as Ordens Menores. Dom Francisco Leopoldo lhe confere o Subdiaconato na Capela episcopal a 23 de dezembro de 1876. Na Igreja catedral de Eichstätt, Dom Francisco Leopoldo o ordena Diácono e Presbítero, a 28 de janeiro e 15 de julho de 1877, respectivamente.

Em outubro do mesmo ano, dirige-se em peregrinação ao Túmulo dos Apóstolos, em Roma. Ali solicita e recebe uma relíquia de São Felipe Neri, o apóstolo dos Oratórios e da educação cristã.

Seu primeiro campo de apostolado foi uma Capelania em Vehr, na Diocese de Münster. A 1º de dezembro de 1886 é nomeado Coadjutor em Quakenbrütt, Diocese de Osnabrück, acumulando a Capelania de Vehr. No ano seguinte, a 9 de fevereiro, é Vigário Cooperador em Lüdinghausen.

Ali se delinea a vocação missionária do Pe. Topp. O Jornal da Diocese "Kirchliche Amtsblatt", em 1889 publica uma carta dos colonos de Braço do Norte, Estado de Santa Catarina, no

Brasil. Eram imigrantes alemães, de profunda fé católica, espalhados pelo sul catarinense, com insuficiente atendimento pastoral.

Era seu pastor o grande Pe. Guilherme Roer, de Münster. Também ele nascera em Warendorf, em 1821. Vindo a saber do abandono espiritual em que se encontravam os colonos alemães em terras catarinenses, deixou a Pátria e veio-lhes em socorro. Chegara ao Rio de Janeiro em 1860. Logo em seguida dirige-se a Vargem do Cedro, fixando residência em Teresópolis, então centro religioso da colonização alemã no sul.

Indo certa vez visitar um doente no distante Braço do Norte, no retorno explicou aos colonos as boas terras que ali existiam, praticamente não aproveitadas. Convidou-os a emigrarem de Teresópolis e São Pedro de Alcântara, para lá fundarem uma nova colônia. Assim nasce o Braço do Norte, novo centro irradiador colonizatório, com a fundação de novos núcleos.

O trabalho, a idade, as distâncias, não permitiam mais ao Pe. Roer oferecer um atendimento satisfatório aos colonos. Ao final de quase 30 anos de intenso e heróico apostolado, cansado e doente, pede aos colonos que escrevam a Münster, solicitando a caridade de mais sacerdotes.

---

### Pe. Topp lê a carta. Pulsa-lhe no coração o entusiasmo pela causa do Evangelho

---

Pe. Topp lê a carta. Pulsa-lhe no coração o entusiasmo pela causa do Evangelho: seu patrono é Francisco Xavier! Está com 35 anos de idade, em pleno vigor físico e espiritual. Dirige-se a seu Bispo, Dom João Bernardo, e obtém licença de partir para a missão. Embarca para o Brasil em fins de 1889. Chegando ao Rio de Janeiro, sede do Bispado, recebe as Faculdades de Vigário Missionário. Tendo no sangue e na fé o fervor de São Bonifácio, por três décadas e meia será o grande apóstolo de Santa Catarina.

Formara-se na época das lutas religiosas na Alemanha, na época do Kulturkampf, grande combate à Igreja católica e suas instituições. Estava preparado para enfrentar o laicismo e o anticlericalismo da recém-nascida República Brasileira.

A Messe é grande

Em janeiro de 1890 desembarca no Desterro, Capital do Estado.

A situação religiosa de Santa Catarina não era das melhores. O Bispo morava no Rio de Janeiro. Escassez geral de Clero. Excetuando-se os Jesuítas das Missões de Florianópolis e Nova Trento, menos de 10. Alguns tinham perdido o interesse pelo apostolado. Usufruíam de empregos públicos e se preocupavam mais com o sustento dos filhos. O Planalto e o litoral estavam abandonados. Também Santa Catarina era vítima da grande crise